

EDITORIAL

Nos últimos meses, a revista *C-legenda* passou por reformulações importantes. Graças à formação de uma nova equipe editorial, que agora conta com a parceria de discentes do Programa de pós-graduação em Cinema e Audiovisual da Universidade Federal Fluminense (PPGCine-UFF), conseguimos melhorar os processos referentes à edição e revisão dos textos publicados em nosso periódico. A ausência de verbas para a continuidade da revista, problema ainda sem solução, vem sendo contornada pelo trabalho voluntário de pesquisadores comprometidos com a difusão pública e gratuita do conhecimento científico.

Tal parceria, no entanto, esbarra em questões muito complicadas. A exaustão que estamos sentindo, efeito do autoritarismo presente no Brasil atual, soma-se às consequências de uma pandemia que está longe de terminar. Durante os trabalhos para a composição do novo número da *C-legenda*, alguns integrantes de nossa editoria, assim como seus familiares próximos, foram infectados pelo coronavírus. Caminhando sobre uma corda bamba sem fim, como se a vida estivesse sempre na iminência do desastre, respeitamos um ritmo possível e fomos lentamente compondo a edição que agora se encontra nas mãos dos leitores. A cobrança por produtivismo acadêmico, cujos excessos não diminuem sequer diante de uma tragédia global, também tornou-se um fator recorrente de pressão em nossas vidas. A despeito de todos os atrasos decorrentes do quadro aqui apresentado, conseguimos encerrar o número atual da revista. Apresentamos a seguir, em meio às tristezas e celebrações, o resultado geral de nosso trabalho.

Nesta edição, contamos com o dossiê “Cinemas amazônicos em tempos de luta”, organizado pela professora Lúcia Ramos Monteiro, da Universidade Federal Fluminense, e pelo docente Sávio Luis Stoco, da Universidade Federal do Pará. Este importante dossiê conta com oito textos, os quais tanto revisitam, a partir das questões da contemporaneidade, produções e filmografias realizadas décadas atrás, quanto trazem luz à pluralidade de sujeitos, estéticas e temáticas que caracteriza os cinemas amazônicos hoje.

Fora do dossiê, encontram-se, ainda, quatro artigos. Em “A estética de absorção no cinema contemporâneo”, Luiz Carlos Oliveira Jr. se vale de conceitos da pintura para analisar *Pai e filhos* (Wang Bing, 2014), e estende sua reflexão ao cinema brasileiro dos últimos anos. Já em “*Mil e uma noites, Arábia. Vozes de narradores, sons ambientes, silêncios, crise, trabalhismo*”, Fernando Morais da Costa aproxima o longa-metragem de Afonso Uchoa e a trilogia de Miguel Gomes para se aprofundar em alguns aspectos convergentes da banda sonora dos filmes.

Em se tratando de “*Ganga Zumba e Quilombo de Cacá Diegues: duas utopias para o amplo presente*”, Anna Paula Soares Lemos, Joaquim Humberto Coelho de Oliveira e Rafael Garcia Madalen Eiras apresentam um estudo comparativo entre filmes dirigidos pelo realizador brasileiro oriundo do Cinema Novo, o primeiro de 1964 e o segundo de 1984, evidenciando suas proposições utópicas diante de temporalidades históricas marcadas por dimensões sociais e políticas distintas. Finalmente, no caso de “*Estética noir na primeira temporada de True detective*”, de Christian Hugo Pelegrini e Mariana Lemos Schwartz, a reflexão se concentra nas proximidades entre a primeira temporada da série televisiva estadunidense e os elementos estéticos que marcaram estruturalmente o gênero cinematográfico do *noir*.

Na medida do possível, desejamos a todos e a todas uma excelente leitura. Neste momento altamente delicado, que sigamos nos cuidando e acumulando energia para as batalhas do presente e do futuro.

Marina Cavalcanti Tedesco e Reinaldo Cardenuto.